

A família: sonho de Deus para a humanidade

Queridas irmãs,

o encontro Mundial das Famílias, que aconteceu em Dublin (Irlanda), de 21 a 26 de agosto de 2018, no qual o Papa Francisco participou por dois dias, inspirou a escolha do tema para esta circular sobre a família. Um assunto conhecido, abordado e aprofundado em muitas circunstâncias e com habilidades diferentes e qualificadas.

No entanto, senti a necessidade de compartilhar com vocês algumas reflexões sobre a família, a partir da sua beleza, dos “pontos de luz” e também das dificuldades que experimenta. Uma referência fundamental é a Exortação Apostólica *Amoris laetitia* com destaques colhidos do evento de Dublin. São sugestões que podem ser úteis para compartilhar, também com os jovens e com os membros das comunidades educativas.

Sentimo-nos agradecidas ao Papa Francisco que convida as famílias a redescobrirem como o Evangelho continua sendo alegria para o mundo: a família, realmente, é uma “boa notícia” para a realidade de hoje; é o sonho de Deus para toda a humanidade.

O Santo Padre, com sua presença e com suas palavras, lança com coragem e decisão uma mensagem clara: a visão da família como geradora de vida e de esperança na sociedade e na Igreja, também onde fragilidades e fraquezas, conflitos e crises parecem impedir a compreensão plena da sua identidade original.

O meu desejo é que, com pais, filhos, idosos guardiões da memória, com todas as pessoas em busca, possamos olhar para a família com os mesmos olhos com os quais Deus a pensou: com esperança e confiança.

A beleza da família

Todos os Pontífices dedicaram grande atenção à família, célula viva da sociedade e da Igreja. A Exortação Apostólica *Amoris laetitia* e as várias mensagens do Papa Francisco, até o Encontro Mundial das Famílias em Dublin, reafirmam o valor fundamental da família, quase como um hino à beleza do amor.

Nós, porém, nos perguntamos: pode-se falar da beleza da família hoje? Qual é a base de nossa confiança nela? Falar de beleza não significa estar distante de uma realidade que, ao contrário, nos mostra tantas vezes sofrimentos, feridas, conflitos irreconciliáveis, até pensar que a família tenha completado o seu tempo?

Para o Papa Francisco podemos falar de beleza, porque a família continua sendo uma boa notícia para o mundo de hoje. “Boa notícia”, ou seja Palavra de Deus, sonho e desígnio de amor, que abraça toda a criação e, nela, a pessoa humana vértice da criação.

A beleza da família encontra seu fundamento no “sim” de Deus à união entre o homem e a mulher, na abertura e serviço para a vida, em todas as suas fases. É o “sim” e o compromisso de Deus por uma humanidade muitas vezes ferida, maltratada, assinalada pela falta de amor. E é somente a partir do “sim” de Deus que a família pode manifestar, difundir e re-generar amor no mundo. Sem amor não se pode viver como filhos de Deus, como cônjuges, pais e irmãos (cf *Carta ao Card. Kevin Joseph Farrell para o IX Encontro Mundial das Famílias, 25 de março de 2017*).

Para expressar sua beleza intrínseca, a família deve se encontrar como lugar original da escuta, do testemunho e da narração da Palavra. Neste sentido, é necessário retornar ao *primeiro anúncio*:

diante das famílias e em meio delas, deve sempre ressoar novamente aquilo que é mais belo, maior, mais atraente e, ao mesmo tempo, mais necessário e deve ocupar o centro da atividade evangelizadora; porque não há nada mais sólido, mais profundo, mais seguro, mais consistente e mais sábio que esta proclamação, e toda formação cristã é um aprofundamento deste mesmo anúncio (cf. AL 58).

A leitura orante da Palavra de Deus é fonte de vida e de amor para a família, porque age nos corações com um “trabalho artesanal” que molda a espiritualidade conjugal e familiar e sustenta sua fidelidade. «A família que reza unida, permanece unida» - reafirmou Papa Francisco em Dublin.

O amor de Deus não é somente o fundamento, mas também a vocação da pessoa humana, que não pode viver sem amor. «O homem, continua sendo um ser incompreensível para si mesmo, sua vida não tem sentido, se o amor não lhe for revelado, se não se encontrar com o amor, se não o experimentar e não o tornar próprio, se não participar dele vivamente» (*Redemptor hominis* 10).

A vocação da família ao amor é ao mesmo tempo vocação à vida. «O casal que ama e gera a vida é a verdadeira “escultura” viva... capaz de manifestar Deus criador e salvador... Sob esta luz, a relação fecunda do casal torna-se uma imagem para descobrir e descrever o mistério de Deus, fundamental na visão cristã da Trindade...» (AL 11) e da própria Igreja.

São Paulo afirma: «Por isso, o homem deixará seu pai e sua mãe e se unirá à sua mulher, e os dois serão uma só carne. Este mistério é grande: eu me refiro a Cristo e à Igreja» (*Ef 5,31-32*). O matrimônio, portanto, não pode ser entendido como um contrato social, um rito vazio ou o simples sinal externo de um compromisso.

O Sacramento é um dom para a santificação e a salvação dos esposos, porque a pertença recíproca, através do sinal sacramental, manifesta a relação mesma de Cristo com a Igreja (cf AL 72). No matrimônio Jesus assume o amor humano, purifica-o, leva-o à plenitude e dá aos esposos, com o seu Espírito, a capacidade de vivê-lo mediante uma vida de fé, esperança e caridade. «Assim os cônjuges são de certo modo consagrados e, por meio de uma graça própria, edificam o Corpo de Cristo e constituem uma igreja doméstica» (AL 67). Sem Jesus o amor humano perde sua beleza original.

A atenção à família, por parte da comunidade eclesial, deve, pois, despertar o anúncio do qual ela é depositária: a família é ícone da Trindade, ícone da Igreja. «Para compreender plenamente o seu mistério [a Igreja] olha para a família cristã, que o manifesta de forma genuína» (AL 67). Salvando a família, a Igreja não só se torna ela mesma, mas Deus mostra o seu Rosto ao mundo no tecido humano das relações familiares, realiza seu sonho para a humanidade, revela a beleza genuína de serem irmãos e irmãs em Cristo, apesar dos desafios que possam atingi-la. A família, de fato, é uma realidade pascal entre dificuldades e esperanças.

A família entre dificuldades e esperanças

A beleza da família no sonho de Deus não apaga a realidade de fragilidade, crises e problemas que a preocupam. Numerosas são as sociedades que não a defendem ou procuram de todas as maneiras desestruturá-la, incentivando formas sem precedentes de convivência social.

A cultura do provisório, do consumismo, do edonismo e do descartável, presente em muitas sociedades, não encoraja, certamente, a família fundada no matrimônio, em sua jornada de abertura para a vida e relacionamentos e para gerar futuro e esperança.

As tensões decorrentes de uma cultura individualista de posse e de prazer levam à intolerância, agressão e violência. Sem dizer de algumas teorias que estão se espalhando, incluindo a de gênero. No entanto, a família continua a ser o primeiro ponto de referência para todas as pessoas e para todas as realidades sociais, mesmo que se deva notar que muitas vezes são deixadas sozinhas pelas mesmas instituições que deveriam protegê-las, tanto no nível econômico quanto no nível de acompanhamento no caminho do crescimento humano. e espiritual.

Não entro no mérito das dificuldades específicas que vocês podem encontrar em suas realidades, no contato com crianças e jovens, e que assumem múltiplas formas impossíveis de serem elencadas no breve espaço de uma circular. Quero, outrossim, destacar o testemunho de muitas famílias, sobre os “pontos de luz” que o Papa Francisco evidenciou em Dublin. Na Audiência Geral do dia 29 de agosto de 2018 ele definiu este *IX Encontro Mundial das Famílias* «uma experiência profética, confortante,

de tantas famílias empenhadas no caminho evangélico do matrimônio e da vida familiar; famílias discípulas e missionárias, fermento de bondade, santidade, justiça e paz».

São pontos de luz os testemunhos de amor conjugal narrados por casais de idade, cultura, experiências diferentes. Famílias que enfrentaram desafios e dificuldades notáveis e que, graças à solidariedade, ao perdão e ao amor de outras famílias “renasceram”, descobriram o amor do Pai, porque Deus ama através de nossos gestos de amor.

O mundo tem necessidade urgente de uma “revolução de amor”, de ternura e esta revolução começa no coração da família. Não é uma revolução marcante, mas ao alcance de todos, e é expressa através de pequenos gestos de bondade, de humanidade que iluminam a *rotina* de cada dia. Gestos e palavras que constroem, criam comunhão, *recolocam de pé*, moldam a santidade da “porta ao lado”.

Os testemunhos apresentados em Dublin, com humildade e transparência em sua realidade de luzes e de sombras, confirmam como o amor e a fé na família podem ser fontes de força e de paz, mesmo em meio a destruições causadas por guerras e perseguições, e em meio de violências provocadas também por *formas de abuso de menores*. O Papa compartilhou as razões de esperança e alegria e sentiu dor e amargura pelo sofrimento causado pelos abusos e pecados em que alguns membros da Igreja também estão envolvidos.

A Igreja é *família de famílias* onde se alegra com os que estão alegres e se sofre com os que estão na dor ou se sentem “jogados no chão pela vida”.

Cada pessoa e famílias encontraram paz no amor de Cristo. O mesmo pedido público de perdão expresso várias vezes pelo Papa Francisco foi uma carícia de Deus no rosto sofredor de tantos irmãos e irmãs, que podem acreditar que a vida pode ser reconstruída e a esperança renascer na força do amor, do acolhimento, do perdão. Juntos se pode construir uma grande “rede” de solidariedade, apoio, participação que se expande até os confins do mundo! A “revolução do amor e da ternura” começa no coração da família humana, reiterou o Papa.

Acolhi estas palavras como se fossem dirigidas a nós. Cada uma de nossas comunidades pode viver esta “revolução” através de palavras e gestos que tecem amor no cotidiano e o revestem de benevolência, bênção recíproca, perdão. Deste modo pode-se oferecer um testemunho de como se vivem as relações no espírito de família, permeado pela amorevolezza salesiana e pelo acompanhamento recíproco.

Convido vocês, queridas irmãs, a descobrir na vida de vocês, em sua comunidade os “pontos de luz” que podem fazer acontecer aquela “revolução de amor” que traz “bom ar” aonde somos chamadas a testemunhar a alegria do Evangelho, com humildade e amor, para sentir-nos “família” na grande “família universal”.

Pode ser uma ajuda para nós, retomar, na oração e na reflexão, o hino à caridade, de São Paulo (1Cor 13, 4-7) que a *Amoris laetitia*, no quarto capítulo, apresenta e aplica de modo concreto à família. Voltar espiritualmente a Valdocco e a Mornese continua sendo para nós uma escola de grande atualidade: vamos nos sentir imersas naquele “espírito de família” que é capaz de transmitir vida, alegria, esperança, mesmo entre desafios e dificuldades.

Cuidar da família

Um primeira dimensão do cuidar não é o dar, mas o reconhecer, cheio de simpatia e de gratidão. A família, realmente, revela um modo de viver original e exprime o sonho de Deus para a humanidade: é o sonho da unidade e da comunhão que dá forma e conteúdo à própria vocação da família, “igreja doméstica”, onde cada um é desejado, recebido como dom, acompanhado no caminho para ser ele mesmo e dar o melhor de si à sociedade e à Igreja.

A vocação da família é fazer do mundo uma “casa” onde ninguém esteja sozinho, indesejado ou excluído. A família pinta a realidade, às vezes cinzenta e opaca, com as cores da fraternidade, da defesa das pessoas frágeis, da fé luminosa, da esperança ativa, da solidariedade e abertura social (cf AL 184).

A Igreja, *família de famílias*, escolhe estar ao lado da família, interessa-se por ela, cuida da família e aprende com ela como “ser família”. A família, de fato, conserva o sentido mais original e profundo do ser humano. No sonho de Deus é um farol que irradia e testemunha a alegria e a fecundidade do seu amor no mundo. Viver difundindo luz e amor no cotidiano é uma expressão da *santidade*.

Cuidar da família exige uma profunda conversão pastoral e missionária. Segundo o Papa Francisco, não é suficiente inserir uma preocupação genérica nos projetos pastorais: a família é sujeito ativo e dinâmico de pastoral e todo esforço de evangelização e catequese deverá ser orientado para lhe permitir experimentar que o Evangelho da família é alegria que enche o coração e a vida (cf *AL 200*) porque responde às suas expectativas mais profundas. É uma mensagem que interpela a vida familiar (cf *AL 201*) e valoriza seus recursos também para o anúncio missionário a outras famílias.

Aspecto fundamental do cuidar é acompanhar as famílias para que se reconheçam como lugar da ternura, de relacionamentos que se regeneram cada dia com um gesto, uma carícia, um olhar para o próprio cônjuge e para os próprios filhos, que torna tudo novo, sana as feridas, reconcilia, abre para um caminho de perdão e de acolhimento recíproco.

A solidariedade entre famílias, especialmente nos momentos de dificuldade e de crise, pode ajudá-las a provar o “vinho novo” da misericórdia. Uma atitude solidária entre famílias, e o sentir-se próximas como comunidade, renova nelas a certeza de que não são deixadas sozinhas e permite reencontrar a coragem de recomeçar.

Sempre comprometido com a educação das jovens gerações, nosso Instituto chega às famílias especialmente através da educação dos filhos, missão que permanece fundamental. O CG XXIII nos ofereceu um estímulo adicional, pedindo que nos empenhássemos para conhecer as diferentes realidades familiares e a nos deixarmos desafiar por elas. Convidou-nos a envolver as mesmas famílias em uma *pastoral familiar* em sintonia com as diretrizes da Igreja, para acompanhar os jovens a amadurecerem uma visão da vida e da família de acordo com os valores cristãos (cf *Atos CG XXIII 60, 11*).

Juntamente com as famílias será possível encontrar caminhos educacionais de “fertilidade generativa”, de aliança entre gerações, em um relacionamento no qual seja possível compartilhar experiências confiáveis que abram à esperança, à confiança, ao desejo de altos ideais, que transmitam o tesouro da fé. A pastoral familiar nos leva a interessar-nos pela família, não só a partir dos jovens, mas também através de iniciativas específicas. Podemos, por exemplo, organizar momentos formativos e de oração, pensados para alimentar a espiritualidade conjugal e familiar, encorajar a formação de redes solidárias de “famílias para as famílias”, estarmos disponíveis para oferecer um acompanhamento discreto, que parta do testemunho do nosso “sentir-nos família” em comunidade.

Nós mesmas, como grupos da Família Salesiana e como comunidades educativas, somos uma rede de famílias, compartilhamos aquele tesouro que tece os relacionamentos chamados “espírito de família”, elemento constitutivo do nosso ser e do nosso agir *na* família e *com* as famílias, como nos lembrava o Reitor Mor na estreia de 2017.

Cuidar da família é pois uma responsabilidade que nos vê como aliados, em sinergia com o caminho que a Igreja toda está fazendo em preparação ao Sínodo dos jovens. Unidas estamos empenhadas em ser “casa”, espaço vital onde os jovens possam *aprender a arte da vida e do amor*, “casa” onde o clima familiar reina em toda a sua importância, especialmente hoje, quando a família está sujeita a ataques externos e a fragilidades internas que a enfraquecem. Juntas acompanhamos a família a viver sua vocação de acolhimento à vida, espaço de socialização, responsabilidade pelos outros, anúncio e testemunho evangélico e missionário.

Sentimos especialmente a responsabilidade de acompanhar as/os jovens do *Movimento Juvenil Salesiano* (MJS) para se abrirem ao valor da família, cultivarem o desejo de formar família conforme o desígnio de Deus.

Ela é, realmente, a primeira “escola” onde se aprende a dimensão gratuita do amor, onde amadurece a dimensão afetiva a partir de se sentirem acolhidos como pessoas, onde os relacionamentos não são funcionais e se pode experimentar a alegria do dom e a preciosidade da fé. Neste sentido, uma primeira modalidade para sustentar a família é ajudá-la a experimentar a sacralidade da pessoa

humana, evitando possuí-la ou controlá-la. A tentação de possuir pode ser superada mediante um caminho de desprendimento para “deixar que seja” e “deixar que vá”.

Dedicando-nos à educação dos jovens, não tomamos o lugar das famílias, mas reconhecemos sua missão insubstituível de lugar original de acolhida, espaço para relacionamentos autênticos e primeiro recurso que estabelece o desenvolvimento harmonioso da pessoa em crescimento. Além disso, os próprios jovens, em suas respostas ao Questionário do próximo Sínodo de outubro, reafirmaram a importância da família, na verdade, a nostalgia da família.

Queremos manter este desejo neles, ajudando-os a serem “peregrinos no caminho dos seus sonhos”, acompanhando-os para transformá-los na realidade do futuro, para formar famílias segundo o pensamento de Deus (cf Papa Francisco, 11 de agosto de 2018). Famílias que renovam cada dia a escolha da fidelidade, como forma de maturidade humana e de verdadeira felicidade.

Muitas de vocês, queridas irmãs, no contato diário com numerosas realidades familiares, conhecem belas famílias, que sabem oferecer testemunhos simples e tocantes. Famílias que ajudam com delicada humanidade quem está sofrendo por motivo de divórcio, separação, doença, por situações economicamente insustentáveis.

Todas, porém, somos chamadas a estarmos em “primeira linha” no tomar a peito a família, também vocês, irmãs doentes ou idosas.

Para vocês que, por diferentes situações, estão fisicamente impedidas de estar “ao lado”, de encontrar-se “entre” as famílias, como certamente gostariam de estar, desejo que o testemunho de vocês, sua oração e oferta diária sejam “presença fecunda” que chegue a muitas pessoas e se torne fonte de bem, mesmo sem que vocês saibam. Esta é a missão de vocês, esta é a *pastoral familiar* que, na plena gratuidade, vocês assumem cada dia, no espírito do *da mihi animas coetera tolle*.

Termino com um convite para todas: comprometer-nos, em nossas comunidades, a tornar vivo e contagioso o “espírito de família”, para que se experimente que é possível viver “o Evangelho da família como alegria para o mundo”. Acompanhar a família em seu caminho é um grande dom: dela, mesmo quando é frágil e imperfeita, podemos *aprender a ser “família”*, a não perder o contato com a realidade, a compreender-nos e sustentar-nos reciprocamente, a construir-nos como família aberta em perspectiva missionária.

Que o Senhor possa ver realizado em cada comunidade o seu sonho para a verdadeira felicidade de seus filhos e filhas. Para isto entreguemo-nos com confiança à Família de Nazaré.

Deus as abençoe!

Roma, 24 de setembro de 2018

Aff.ma Madre

Ir. Yvonne Reungoat